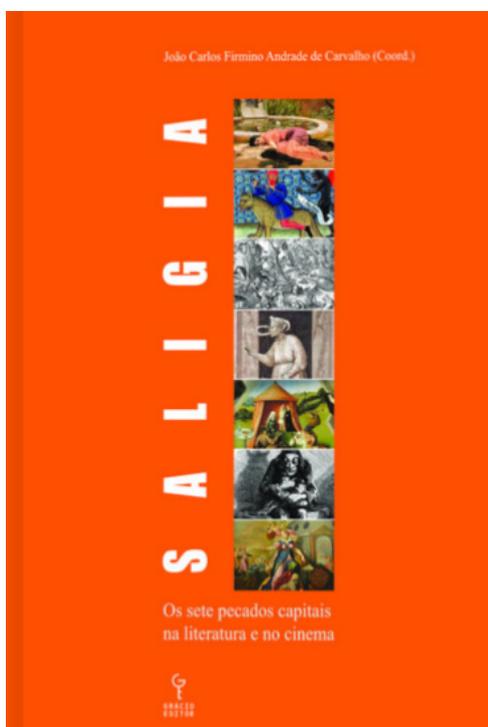


**João Carlos Firmino Andrade de Carvalho (Coord.):
SALIGIA. Os Sete Pecados Capitais na Literatura e no
Cinema. Coimbra: Grácio Editor, 2023. 166 pp. [e-book]**

Vítor de Sousa (UTAD / CECS)

DOI: <https://doi.org/10.58155/revistadeletras.v1i8.488>



Quando tomamos contacto, pela primeira vez, com *Saligia*, na nossa cabeça só havia um pensamento; “o que é isso?”. Não fora o acrescento do título – *Os Sete Pecados Capitais na Literatura e no Cinema* – teríamos que googlar, qual GPS, para nos colocarmos nos trilhos interpretativos devidos. Trata-se de um e-book, publicado no Verão deste ano, coordenado por João Carlos Firmino Andrade de Carvalho, professor da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve e investigador do CLEPUL – Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias), e que tem a chancela da Grácio Editor. Não se configurando

como a descoberta da roda, uma vez que, ao longo dos anos, foi-se escrevendo sobre o mesmo assunto, integrando, no entanto, novas perspetivas, podendo observar-se uma grande diversidade de vozes que contribuem para um bom debate do tema. Quanto mais não seja por pegar numa palavra – “Saligia” – que não possui um significado específico em português, já que constitui um acrónimo que representa os sete pecados capitais na doutrina cristã, e olhar para o assunto – comum no ensino moral cristão e na literatura durante séculos – com protagonistas pertencentes a diferentes universidades portuguesas.

É, de uma forma aparentemente simplista, que se desenvolve a dicotomia entre os pecados e as virtudes. Se há um lado potencialmente tipificado como “mau”, existe logo o seu contrário a equilibrar eventuais

deslizes. Sendo que nem sempre se torna possível evitar a entropia no sistema.

E é exatamente sobre aqueles que são vistos como vícios fundamentais que podem afastar os indivíduos de uma vida virtuosa e levá-los a um estado de corrupção espiritual que trata *Saligia*. Que, sendo um acrónimo, cada uma das letras da palavra corresponde a cada um desses pecados: orgulho, avariza (ganância), luxúria, inveja, gula, ira e preguiça.

Como bem observa Pedro Mexia (2010: s.p.), os Dez Mandamentos são aceites por quase todos, o mesmo não acontecendo com os Sete Pecados Mortais. O que o leva a sublinhar que, qualquer mortal, por princípio, “acha mal matar, roubar ou mentir, mas poucos vêm a preguiça ou a gula como pecados”. Esta “curiosa discrepância”, é facilmente explicada: “ainda acreditamos em valores, mas já não acreditamos em pecados”. Se por um lado, há certos ideais cristãos em que assenta o humanismo, verifica-se, por outro lado, uma rejeição em bloco das suas proibições. O que significa que, ao contrário dos mandamentos, que vêm da tradição judaica e aparecem na Bíblia, os pecados têm outro rasto, “sendo uma elaboração teológica cristã, reformulada por vários autores ao longo dos séculos” (Mexia 2000: s.p.).

Como escreve o coordenador, numa espécie de introdução da obra (“Os sete pecados capitais na literatura e no cinema”, pp. 7-24), ainda que certos vícios humanos de tempos anteriores ao Cristianismo possam ser de algum modo equivalentes à nossa noção de pecado, “a verdade é que esta noção nasce no âmbito do contexto judaico-cristão com o significado de transgressão da Lei e dos Mandamentos divinos [...], isto é, como falha/falta ou erro humano grave” (Carvalho 2023: 7). O que significa que todo o pecado tem como contrapeso um valor moral, ético e comportamental. E, nesse sentido, cada pecado terá uma virtude como seu oposto.

O pecado é um conceito moral e religioso que varia em definição e interpretação de acordo com diferentes tradições religiosas e sistemas filosóficos. É geralmente considerado um ato ou comportamento que é contrário às normas morais, éticas ou religiosas estabelecidas por uma sociedade ou sistema de crenças. Em muitas religiões, como o cristianismo, o islamismo e o judaísmo, o pecado é visto como uma transgressão das leis divinas ou como um afastamento da vontade de Deus. As pessoas podem, no entanto, arrepender-se dos seus pecados, buscando o perdão divino e fazer penitência para serem perdoadas. O contrário de pecado é geralmente considerado como “virtude” ou “bondade”. No entanto, é importante notar que a conceção de pecado e virtude pode variar significativamente entre diferentes sistemas de crenças religiosas e filosofias morais. O que é considerado um pecado numa tradição pode não ser visto da mesma forma por outra.

“Se é verdade que, na Bíblia, existem múltiplas referências a diferentes pecados que importa evitar [...], também é verdade que a sua verdadeira elaboração teológica se foi fazendo fora deste “livro sagrado”, mais concretamente noutra tipo de textos e aos longo dos tempos” (p. 7). Nesse quadro, recorda-se o monge e teólogo Evágrio Pôntico (345-399), o Papa Gregório I (no final do século VI), Santo Agostinho (354-430), João Clímaco (525-606), São Tomás de Aquino, (século XIII), Dante Alighieri e, mais recentemente, o próprio Papa Bento XVI.

O tema do pecado acompanha, por conseguinte, a história do Cristianismo até às sociedades contemporâneas do mundo ocidental de base matricial judaico-cristã, “onde se foi instalando a indiferença, a apatia, que as vão corroendo por dentro e as vão degradando moralmente” (pp. 8-9). Não havendo uma única representação definitiva dos pecados capitais por meio de um acrónimo, as representações podem variar. O importante é a compreensão dos conceitos e o seu significado na moral e na teologia cristãs.

Os sete pecados mortais, também conhecidos como “pecados capitais”, são uma lista de comportamentos ou características considerados graves na tradição cristã, pois representam desvios morais e espirituais. Ao longo do tempo, os pecados, supostamente imutáveis, foram mudando significativamente. O que, de resto, aconteceu com a sociedade que está longe de ser reificada. Ora, se a sociedade muda, os pecados também mudam pois é na sociedade que eles têm o seu pasto. Houve pecados que foram abandonados, outros acrescentados, e outros ainda modificados. Aquilo a que hoje chamamos “preguiça” tem na origem um sentimento mais próximo da desesperança do que da ociosidade. Há igualmente uma dúvida sobre a *superbia*: é “soberba” ou “orgulho”? E assim por diante. “Discutir pecados é também discutir palavras” (Mexia 2000: s.p.).

Na tradição cristã, esses pecados são considerados “mortais” porque, quando praticados de forma consciente e deliberada, são vistos como uma rutura séria da relação da pessoa com Deus e podem levar à condenação espiritual. É importante observar que diferentes tradições religiosas podem ter interpretações ligeiramente diferentes desses pecados e suas implicações.

Esses pecados foram codificados e ensinados ao longo da história da Igreja por várias razões: i) como base na Bíblia; ii) como ensino da moral (para orientar os fiéis sobre o que é considerado pecaminoso); iii) como “exame de consciência” (uma prática na qual os indivíduos avaliam as suas ações e comportamentos em relação aos padrões morais da fé); iv) como combate ao próprio pecado (a lista dos sete pecados mortais serve como uma

ferramenta para identificar e combater os pecados nas suas diversas formas); v) como ênfase na contrição e arrependimento (com base no qual se acredita que a pessoa possa ser perdoada e voltar à graça divina); e vi) enquanto ensino para uma vida virtuosa.

Esta edição eletrónica, para além do já referido texto introdutório, integra os resultados das colaborações de seis autores em torno da temática dos sete pecados capitais na literatura e no cinema. O que se pretendeu foi “proporcionar ao leitor uma proposta enriquecedora de um possível roteiro literário-cinematográfico de abordagem do tema dos sete pecados capitais” (da contracapa). Assim, Annabela Rita (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/CLEPUL) discorre sobre “SUPERBIA – Soberbamente... ‘acidental’” (pp. 27-32); Ana Alexandra Seabra de Carvalho (Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve/CLEPUL) aborda a problemática da “AVARITIA – O Feitiço do Ouro” (pp. 33-60). Sobre “LUXURIA – Da Luxúria... em três andamentos”, escreve Fernando Alberto Torres Moreira (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro/CECS) (pp. 61-79); a “INVIDIA – Florilégio de invejas”, é trabalhada pelo coordenador da obra, João Carlos Firmino Andrade de Carvalho (pp. 81-101); a “GULA – Salvos pela Gula: uma análise do conto de Alice Vieira “O julgamento de Jerónimo Peixoto” e do filme de Roland Joffé, “Vatel”, é trabalhado por Sara Vitorino Fernandez (FCHS – Universidade do Algarve) (pp. 103-116); a “IRA – “A Cabeleireira”, de Inês Pedrosa, ou o cabelo versus a ira: uma história de misoginia”, é desenvolvida por Cristina Costa Vieira (Universidade da Beira Interior / Centro de Literatura Portuguesa). (pp. 117-137) e a “ACEDIA – Quatro elogios da Preguiça”, é fixada por Ana Alexandra Seabra de Carvalho (pp. 139-164).

Não deixa de ser interessante que a cultura ocidental já não se reconhece muito nestes pecados e na teologia que defende a humildade, a caridade, a gentileza, a paciência, a castidade, a temperança e a diligência, mas defende o seu reverso individualista, que assenta no culto do corpo e seus apetites, e a defesa do sujeito soberano e autónomo (Mexia 2000).

Referências bibliográficas

Mexia, Pedro (2010). *Saligia. Público*, 25 de setembro [https://www.publico.pt/2010/09/25/jornal/saligia-20262096]